

# FRONTEIRAS DA PSICANÁLISE

Cibele Prado Barbieri

Círculo Psicanalítico da Bahia

## Unitermos:

Clínica – Complexo de Édipo – Função Paterna – Sintoma – Globalização – Pós-modernidade

## Resumo:

A partir das comemorações do quinquagésimo aniversário do CBP a autora retoma a inquietante questão da evolução do saber psicanalítico. Discute a formulação lacaniana que propõe “ir além do Édipo” na análise e a suposição de uma nova estrutura do homem pós-moderno que, supostamente, tornaria necessário criar uma nova fórmula que, substituindo o Édipo freudiano, viesse dar conta dos novos sintomas.

O texto transcende às reflexões psicanalíticas com proposta de ordem filosófica sobre a busca do homem moderno e sua sedução pelas saídas fáceis.

Sugere uma crítica à corrida por mudanças e resultados argumentando que todo sintoma é um desafio e o psicanalista deve enfrentá-lo a partir da própria clínica, ainda que não tenha respostas prontas.

Neste momento em que, sob esse instigante tema, nos reunimos para pensar os limites e as articulações da Psicanálise de nossos dias, comemorando estes 50 anos de diálogo entre psicanalistas de partes distantes de nosso país proporcionado pela existência do CBP, parece oportuno trazer à discussão uma questão que interroga conceitos fundamentais desse saber, podendo incorrer numa possível extrapolação das fronteiras da Psicanálise.

De antemão esclareço que o que trago é uma reflexão que não encontrou todas as respostas e muito menos “A” resposta. Como Jorge Forbes nos lembra, para Gaston Bachelard, ser freudiano é se fazer continuador em um problema, não em uma resposta. Concordo e assim faço.

*“Estaremos à altura de Freud ou, aos 150 anos ele ainda corre na nossa frente?”<sup>1</sup>*

Com esta interrogação Forbes encerra sua matéria onde ele defende a tese de que a psicanálise de hoje vai além do Édipo Freudiano que, tendo suas bases na verticalidade do laço social próprio à modernidade, não se aplica aos paradigmas do mundo atual.

*“Freud descobriu um programa fantástico, um software diríamos mais tecnologicamente, e o chamou de complexo de Édipo. Muito melhor que os “softs” atuais, que rapidamente ficam obsoletos, o complexo de Édipo funcionou muito bem por praticamente cem anos. A tal ponto foi o seu sucesso que passamos a acreditar que o laço social era naturalmente edípico.”...*

*“Sim, Freud explicou como fazíamos para administrar o encontro com o novo, com a surpresa, com o “mais forte que eu”. E se Édipo funcionou tão bem foi porque ele teve a genialidade de captar que o laço social na modernidade, onde nasceu a psicanálise, era vertical. Na família, a ordem do pai; na empresa, o modelo do chefe; na sociedade, o amor à pátria. Esse mundo está deixando de existir; a globalização privilegia as ligações horizontais, a multiplicidade de ideais no lugar de alguns poucos e consagrados. A psicanálise de hoje vai além do Édipo, precisa de uma nova topologia para tratar do habitante do século XXI, como anunciou Lacan.”<sup>2</sup>*

E ele termina com uma proposta:

*“O homem de hoje, a que chamo de “desbussolado”, por ter perdido o norte do bem e do mal, fortemente estabelecidos na era anterior, vê-se frente a uma encruzilhada: recuar ou avançar? Recuar para as velhas soluções baseadas na tríplice lógica: se algo está errado é porque houve um erro de educação, de remédio ou de fé. Ou avançar para inventar uma nova sociedade na qual a orientação paterna seja substituída pelo cálculo coletivo; que a adversidade vire oportunidade; o estático se transforme em interativo; a avaliação ceda para a responsabilização; a verdade seja menos importante que a certeza; que genéricos abram espaço para talentos; enfim, que a razão asséptica se transforme em razão sensível. Vejo aí um vasto programa para a psicanálise no século XXI: a sociedade espera uma nova estrutura, um novo software que nos permita aproveitar a liberdade da quebra de padrões e afaste a crescente onda reacionária que nos assombra.”*

Levando a sério esta proposta, uma reflexão despertou em mim duas questões de saída. Em primeiro lugar, se cabe à psicanálise responder a essa suposta demanda da sociedade, supondo que hoje temos uma nova estrutura social e psíquica com um novo tipo de laço e, ainda mais, se a sociedade realmente espera da psicanálise um novo “software” que possa intervir no modus operandi do homem atual.

Em segundo lugar, questionar a falência do conceito Complexo de Édipo na teoria psicanalítica, passível de ser substituído por um sistema mais avançado que pudesse dar conta dos sintomas de hoje, partindo dessa mesma suposição de uma nova estrutura subjetiva, incompatível com a do homem da modernidade, em função das mudanças nos laços sociais a partir da globalização.

A primeira questão parece advir de um grande mal estar que se evidencia entre os próprios psicanalistas diante da falta de respostas satisfatórias às suas ambições, na medida em que são invadidos por esse imperativo de responder às demandas de forma rápida, eficiente e, porque não dizer, absoluta. A pressão que o analista sofre em relação à concorrência não é apenas pelo incremento do uso de medicação. O aumento do número de analistas e de terapias alternativas também contribui para esse mal estar. Quanto tempo durava uma análise no tempo de Freud, e hoje? É possível atender 6 sessões por semana como ele fazia? Os pacientes de hoje se submetem à autoridade e aos honorários do analista como se submetiam à Freud e Lacan ou justamente a liberdade que hoje temos facilita que o paciente procure outra terapia ou outro analista menos “ortodoxo”?<sup>3</sup>

É interessante lembrar as premissas, tão repetidas na orientação lacaniana, da impossibilidade de preenchimento da falta fundamental do sujeito, do desejo como insatisfeito por excelência e a ênfase no dever ético de não atender às demandas como forma de propiciar o delineamento do desejo. Mas a criação de uma nova técnica para gerar efeitos terapêuticos rápidos surge, entre lacanianos, como resposta à demanda de tratamento rápido. A farta literatura existente sobre a nova técnica mostra que esta iniciativa não é um fato isolado. .

Jorge Forbes se pergunta se Freud “*corre na nossa frente*” como se introduzisse na própria Psicanálise uma urgência por resultados, produtividade, metas a cumprir, satisfação imediata...

Como psicanalistas, temos acompanhado as mudanças sociais do nosso tempo e concordamos - penso eu - que na sociedade atual o sujeito sofre da obrigação de gozar instituída pelo capitalismo e que, pelo declínio da função paterna, gozar é mais do que nunca o imperativo categórico. Este pensamento tem sido examinado, debatido, teorizado e divulgado por grandes teóricos da psicanálise e já está insinuado no Mal Estar na Civilização.

Sabemos, a partir de Freud, que “*se algo está errado*” **não** “*é porque houve um erro de educação, de remédio ou de fé*”, pura e simplesmente. E justamente por sabermos disso é que parece questionável que o mundo atual nos convoque à posição de produzir um novo modelo adaptável às ideologias do marketing capitalista de resultados.

Se a sociedade deve mudar, como mudar, para que lado mudar, - e a sociedade indubitavelmente se transforma independentemente de dever ou não - será que cabe à Psicanálise criar um programa que responda a isso? Até que ponto esta postura deslocaria o psicanalista para a posição do mestre, instituído em agente operacional de mudanças, apontando - mesmo que indiretamente, um novo modo de se conduzir para “*ser feliz e alcançar o sucesso*” - equivalentes nessa concepção globalizante.

Esta fórmula é antiga e, inclusive, a sociedade já dispõe de programas destinados a este fim. Sobram livros e técnicas de auto-ajuda, Terapia Cognitivo-Comportamental e etc...

Se Lacan anuncia a necessidade de “*uma nova topologia para tratar do habitante do século XXI*”, isto não implica um novo complexo, uma nova estrutura ou uma nova psicanálise, necessariamente. Isto implica, possivelmente, que nem a topologia lacaniana nos fornece respostas absolutas ou manejos infalíveis, como o próprio Lacan percebeu.

Será que não podemos nos haver com as novas formas dos sintomas com os instrumentos falíveis de que dispomos?

O fato é que quando Lacan propõe “*ir além do Édipo*”, como ele o faz no Seminário 17, não me parece que isto venha a implicar a criação de um novo mito. No último congresso do CBP em 2003, o “*Encontro no Admirável Mundo Novo*” discutiu-se a questão do Édipo face às novas formas de parentesco, concluindo que o Édipo enquanto estrutura do falasser independe da forma como a sociedade se organiza<sup>4</sup>.

A Folha de São Paulo de 16 de Julho deste ano publicou uma entrevista com J. D. Nasio a respeito de seu novo livro publicado na França a ser lançado no Brasil em breve, onde ele revisita o conceito de Complexo de Édipo com o objetivo, segundo ele, de salvá-lo da banalização e reapresentá-lo como uma crise de crescimento da criança.

*“Efetivamente, um grande erro do Édipo é pensá-lo como um complexo de sentimentos, de amor e de ódio. Do amor do menino pela mãe e do ódio pelo pai. E, da menina, o amor pelo pai e o ódio pela mãe. É uma idéia falsa. Na verdade, o Édipo é um complexo de desejo, de sexualidade. É o complexo de sentir o prazer e a dor do corpo da mãe, o prazer ou o rechaço ao corpo do pai. O mais importante do complexo é que ele é uma crise de crescimento da criança. Trata-se de uma chama de erotismo que invade a criança e alcança os adultos que a rodeiam, que podem ser os pais, os irmãos, as irmãs, às vezes as pessoas que estão ao redor, a babá.*

*O que eu quis com o livro foi mostrar que essa chama de erotismo que acontece em uma criança entre três e seis anos de idade está dentro da própria relação com os pais. E essa chama ocorre em todas as crianças do mundo, em qualquer cultura, em qualquer civilização.”<sup>5</sup>*

Esta posição de Nasio nos mostra que, mesmo entre lacanianos, a idéia de que o Édipo não se aplica ao nosso tempo não é um consenso.

Jairo Gerbase afirma que “*Lacan nunca chegou a dizer explicitamente que o paradigma da psicanálise não é o complexo de Édipo, porém deixou muitas indicações a esse respeito*”<sup>6</sup>. Ainda assim, Lacan não deixou de extrair novos rendimentos para sua teorização a partir desse conceito.

Podemos considerar que o Complexo de Édipo em Lacan já é um novo “software”, na medida em que ele o traduz num movimento dialético que se exerce em seus efeitos no âmbito do discurso.

Não apenas no sentido de uma orientação do laço social, mas principalmente no sentido de um ordenamento da estrutura do sujeito, como podemos observar ao final do seu ensino.

No seminário 17 Lacan retoma a questão do Pai na psicanálise, pontuando na obra de Freud a busca latente de uma formulação do que é um Pai e marca o parricídio como o fio que une o mito de Édipo, o pai de Totem e Tabu, Moisés e o pai Karamazov. Lacan argumenta que “*é a partir da morte do pai que se edifica a interdição desse gozo como primária.*” E ainda diz que: “*...Deus está morto tem como resposta nada mais é permitido*”<sup>7</sup>. Não se diz correntemente “*Deus permita que isto aconteça, ... que meu desejo se realize*”? A partir dessa leitura do Édipo surge o Pai como função de interdição, função de castração e regulação do gozo.

É exatamente na medida em que essa função se fragmenta ou não se exerce que o sujeito fica “*desbussolado*”.

Os fatos que chegam a nós a cada dia nos dão realmente a impressão de que o homem de hoje é um “*desbussolado, por ter perdido o norte do bem e do mal*”, pois nunca se assistiu ao vivo, à cores e em tempo real a violência que acontece no mundo todo. Há algumas décadas atrás líamos nos livros ou nos jornais sobre as guerras, a crueldade, a agressividade e a perversidade humana, como se aquilo fosse algo que a civilização em seu progresso anulária. O progresso transformaria o homem da

barbárie do primitivo ao humanismo civilizado, educado, intelectualizado, pacífico, isento da violência das paixões, fraterno, leal. Hoje vemos pela televisão que a barbárie apenas continua progredindo.

Então eu lhes pergunto: Em que época o homem se norteou na fidelidade ao bem? Leiamos Freud: *Porque a guerra?*(1933), *O mal estar na civilização* (1929), *O futuro de uma ilusão* (1927)... Não parece que a civilização nunca se alinhou exclusivamente pelo bem? Será que isto acontece porque o homem perdeu a noção do bem e do mal e ficou desbussolado?

Preferiria antes dizer que o homem de hoje, mesmo tendo informação, saber e a bússola que aponta o seu norte, liberou seu afã de gozar mais e melhor, e inventa caminhos mais livres dos infortúnios da castração. O que vemos é que a evolução cultural e tecnológica da sociedade humana produz novas formas de prazer e de gozo e isto tem desembocado em modalidades de sintomas, frequentemente compatíveis com os parâmetros da perversão. O sujeito põe sua engenhosidade tecnológica a serviço da denegação das interdições, interpretando o bem no sentido do gozo próprio, inventando novos modos de gozar sem pagar o preço pelo seu ato.

Talvez isso aconteça numa proporção nunca antes vista, porque a função paterna opera na proporção inversa, o Pai cede cada vez mais. A globalização cria novos laços sociais que põe a céu aberto aquilo que antes era camuflado, recalcado sob o padrão de normalidade muito mais restrito da época.

Os padrões estão mudando em nome de uma convocação a assumir o desejo próprio, seja ele qual for; de assumir sua verdade e ser um sujeito da certeza, em ato. A sociedade na modernidade forçava o sujeito na direção do recalque e da neurose, a pós-moderna estimula a vontade de gozo e incentiva as formas perversas da satisfação. As pessoas ganham o direito à liberdade de expressão, mas instituem mais e mais leis que não são cumpridas.

De tudo isso, aprendemos o que a Psicanálise revela: a função estruturante do recalque, a importância da castração, a impossibilidade de dizer a verdade toda. Nem tudo pode e deve ser dito, pois, a verdade, assim como a liberdade, tem seu preço.

Lembram da experiência pedagógica revolucionária de A. S. Neill em "Summer Hill"? Primeiro veio o livro intitulado "*Liberdade sem medo*", mas logo em seguida vem "*Liberdade sem excesso*" e depois "*Liberdade com responsabilidade*"<sup>8</sup>. Ou seja, a liberdade tem seus limites. A liberação conquistada modifica o sintoma na pós-modernidade? É claro que sim. E a psicanálise tem, sem sombra de dúvida, uma participação nessa modificação tanto quanto os avanços do pensamento filosófico e da ciência, pois ela própria empreende a denúncia dos efeitos da repressão.

Além disso, a partir da globalização todos sabem de tudo, temos estatísticas de tudo e a ilusão de que controlamos tudo. Inaugura-se um novo imperativo: Saber! Gozo que consome crianças e adultos, inclusive os psicanalistas.

O que é que o psicanalista pode fazer diante dessas novas formas de viver?

Talvez o psicanalista deva mirar-se no exemplo de Freud, ser objetivo como Freud foi, admitindo os limites do seu saber e da sua prática, mas reafirmando suas descobertas.

A fenomenologia do sintoma mudou, mas a estrutura do sintoma próprio ao falasser, não. O sintoma não deixou de ser uma mensagem cifrada, uma formação do inconsciente. O melancólico do século XXI não é uma nova entidade mórbida, uma estrutura diferente da que Freud nos apresentou. A melancolia (ou depressão, se quiserem), sempre existiu e sempre existirá como consequência do ser falante ter que articular suas perdas na própria fala, nos três níveis, o do simbólico, imaginário e real. As adições são mais variadas, mais freqüentes, mas também não são exclusividade de hoje, nem novidade em sua essência. Os objetos mudam mas o modo como o sujeito se articula com o objeto, não.

Se os novos ideais são mais numerosos, mais ambiciosos, exigem maiores recursos para serem alcançados; se o sujeito começa mais cedo a lutar e demora muito mais pra se tornar independente e se realizar; se hoje é mais difícil e só poucos atingem os ideais construídos dentro dessas condições, é com isso que o psicanalista tem que estar antenado: com a ocorrência em larga escala da frustração, da privação e da castração, sabendo que a liberdade que a quebra dos padrões produz pode desembocar em opções mais variadas, em novas formas de representar os conflitos; mas que

sempre haverá um norte, um sul e um conflito entre eles. Essa deve ser uma certeza do analista. E é na medida em que há conflito que a escuta do psicanalista é convocada.

Mas isto implica uma nova estrutura para o sujeito do século XXI? Acredito que ainda não.

Por tudo isso, considero que quando Lacan assinala a exigência de “*ir além do Édipo*” ele não propõe um novo programa para os psicanalistas do século XXI. Ele visa rearticular o Édipo como a estrutura que coloca em jogo para o sujeito, não apenas a relação amorosa ou de rivalidade com os pais, mas a relação erótica do pai à sua mulher, o enigma da união sexual de um homem e uma mulher. Este é, para ele, o verdadeiro paradigma da psicanálise, ou seja, a não relação entre os sexos. E este enigma está posto para todo ser humano que se livra da psicose, pela interferência de um Pai que exerça esta função.

Retomando essa questão a partir dessa perspectiva, podemos perceber na evolução do pensamento de Lacan, que o complexo de Édipo, na verdade, veicula essa propriedade da função do Pai de apontar para o sujeito a mulher para além da mãe; a disjunção entre **A** mulher com o **A** barrado que aponta para o não-todo, a falta no Outro e **a** mulher, causa de desejo e objeto da fantasia do homem. A função do Pai é a de apontar a falta não apenas da mãe, mas de todo sujeito em seu assujeitamento à insatisfação própria do desejo, à incompletude e à impossibilidade.

Mesmo tendo afirmado no seminário 17 que o Complexo de Édipo é inutilizável na análise<sup>9</sup>, encontramos na primeira aula deste seminário 23, o Édipo como equivalente do Sintoma, como consistência que vem dar estabilidade ao aparelho psíquico, à articulação borromeana do Real, Simbólico e Imaginário (**RSIΣ**), na medida em que distingue os 3 registros entre si.

*“O Complexo de Édipo é como tal um sintoma. É na medida em que o Nome-do-Pai é também o Pai do nome que tudo se sustenta, o que não torna menos necessário o sintoma.”<sup>10</sup>*

Do ponto de vista estrutural, tratado como mais um anel que vem enodar os outros 3, o Complexo de Édipo, então, funciona como o elo que promove uma diferenciação e define os registros do Simbólico, Imaginário e Real como tais, permitindo sua articulação como aparelho psíquico. Independentemente das modalidades de laço social, em qualquer momento da civilização, trata-se aqui do estabelecimento de um aparelho de discurso sustentado a partir de um aparelho de gozo que podemos chamar sintoma ou Complexo de Édipo.

Então, voltamos às questões de Forbes:

*“Estaremos à altura de Freud ou, aos 150 anos ele ainda corre na nossa frente?”*

*“Será que estamos preparados para enfrentar os enigmas trazidos pelos novos sintomas?”<sup>11</sup>*

Para estarmos à altura de Freud talvez seja necessário suportar as agruras do nosso tempo tanto quanto ele, longa e solitariamente, suportou levado pela fé que imprimiu às suas formulações.

Devemos estar sempre dispostos a enfrentar os enigmas do sintoma, em qualquer época, pois o que nos faz psicanalistas é não termos as respostas preparadas de antemão.

## BIBLIOGRAFIA

FORBES, Jorge. “O homem que tudo explicava” In: revista Valor Econômico de 20/04/2006, São Paulo [www.jorgeforbes.com.br](http://www.jorgeforbes.com.br)

FREUD, S. Porque a guerra?(1933) E.S.B.Vol. XXII

\_\_\_\_\_ O mal estar na civilização (1929), E.S.B.Vol. XXI

\_\_\_\_\_ O futuro de uma ilusão (1927) E.S.B. Vol. XXI

GERBASE, Jairo. “Complexo de Édipo: Paradigma da Psicanálise” In: Cógito – Publicação do Círculo Psicanalítico da Bahia, Salvador: V. 06, Ano 2004 p. 29-31.

HADDAD, Gerard. “O dia em que Lacan me adotou”. São Paulo: Companhia de Freud, 2004.

LACAN, Jacques. Seminário Livro 17 – “O avesso da Psicanálise” – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

\_\_\_\_\_. Seminário 23, “*Le sinthome*” - Ornicar? 6. Paris: Navarin. 1976.

---

<sup>1</sup> Forbes, Jorge. Matéria publicada na revista Valor Econômico em 20/04/2006 sob o título “*O homem que tudo explicava*” e também no site [www.jorgeforbes.com.br](http://www.jorgeforbes.com.br)

<sup>2</sup> idem

<sup>3</sup> Haddad, Gerard. “*O dia em que Lacan me adotou*”. São Paulo: Companhia de Freud, 2004.

<sup>4</sup> Após a conferência de Jairo Gerbase o debate encaminhou-se para a questão do Édipo face às novas formas de parentesco. Esta discussão foi gravada e pode ser encontrada na Biblioteca Carlos Pinto Corrêa, do Círculo Psicanalítico da Bahia.

<sup>5</sup> Folha de São Paulo, 16 de julho de 2006 - “*Édipo, o retorno*” - Entrevista para Flávia Marreiro de Buenos Aires

<sup>6</sup> Gerbase, J. “Complexo de Édipo: Paradigma da Psicanálise” In: Cógito – Publicação do Círculo Psicanalítico da Bahia, V. 06, Ano 2004 p. 29-31.

<sup>7</sup> Seminário 17, pág. 113

<sup>8</sup> De acordo com a experiência de A.S Neill's Summerhill School, que nos anos 60/70 surgiu como experiência revolucionária e pioneira, implantou o modelo educacional de escola livre e publicou vários livros sobre o tema. Situada em Suffolk, Inglaterra, fundada em 1921, continua sendo um modelo de influência para a educação democrática, progressista em todo mundo. [www.summerhillschool.co.uk/](http://www.summerhillschool.co.uk/)

<sup>9</sup> Seminário 17 pág. 93

<sup>10</sup> Seminário 23. Aula de 18/11/1975.

<sup>11</sup> Forbes, Jorge. Ibidem.